

# Investimentos vão substituir exportações

*Para governo, melhora nos indicadores vai atrair capitais já no segundo semestre*

SHEILA D'AMORIM

**B**RASÍLIA - O governo está convencido de que a melhora nos indicadores macroeconômicos brasileiros se refletirá em mais investimentos do setor privado já a partir do segundo semestre. Esses investimentos serão o carro-chefe para o crescimento da economia a partir de 2004, substituindo o papel das exportações em 2002 e 2003, segundo o secretário de Assuntos Internacionais do Ministério da Fazenda, Otaviano Canuto. "Como estamos fazendo tudo o que tem de ser feito e sabemos que os empresários não estão olhando para conjuntura do segundo trimestre de 2003, mas para 2004, 2005 e 2006, temos a certeza e todos os sinais de que é bem provável a implementação dessas decisões de investimento, em momentos diversos, na segunda metade deste ano", afirma o secretário.

Com isso, o governo espera que a taxa de investimento atual, em torno de 19% do Produto Interno Bruto (PIB), poderá chegar a 22% do PIB, o que, nas contas do secretário, é compatível com crescimento de 3,5% previsto para o ano que vem. Nem mesmo a queda no fluxo de investimentos estrangeiros diretos nos últimos meses impedirá a recuperação da capacidade instalada do setor privado.

Segundo o vice-presidente da área internacional do Banco do Brasil, Rossano Maranhão, o empresariado já está tirando da gaveta os projetos de investimento. Reflexo disso foi a captação realizada pelo BB na última semana, em parceria com o Bradesco, de cerca de US\$ 500 milhões.

Os US\$ 223 milhões que foram para o BB, diz Maranhão, serão totalmente destinados para financiar projetos de expansão de planta produtiva. "Temos a convicção de que é hora de o Brasil crescer sim e o efeito maior deverá se dar em 2004."

**Temos a convicção de que é hora de o Brasil crescer sim e o efeito maior deverá se dar em 2004**

Otaviano Canuto,  
secretário de  
Assuntos Internacionais

que "tudo indica que o ambiente macroeconômico está mudando de cara, ficando mais positivo" e também que "há evidência recente da reversão da persistência inflacionária".

No entanto, o conselho do diretor que deixou o cargo, Ilan Goldfajn, é de cautela. Para ele, o País deve evitar "ter idéias simplistas e voluntaristas para a resolução dos problemas". Defendendo um crescimento sustentado, com mais emprego e renda para os brasileiros, destacou que criar condições para isso não é simples porque há muitas restrições envolvidas, dificuldades políticas em contrariar interesses específicos para avançar no caminho do desenvolvimento. "Devemos evitar embarcar em aventuras que nos levem a bolhas de crescimento. Somos um País de muitas carências. Mas tentar atender, sem as condições necessárias, às ansiedades individuais ou coletivas, dentro do governo ou fora dele, pode nos levar a resultados indesejados, como retardar por mais alguns anos o crescimento sustentado."

♦

**Competitividade** - Canuto afirma que, no Brasil, o parque produtivo não é nada parecido com o de uma economia antiga baseada só nas exportações. Existe um conjunto de setores com investimentos tocados "a partir da projeção de ciclos de crescimento no futuro, por causa da descontinuidade da capacidade instalada intrínseca a esses setores". Com isso, as decisões de investimento não são pautadas pela conjuntura imediata, mas pela perspectiva de crescimento de médio prazo.

"No caso brasileiro, ainda há a coincidência de vários deles serem setores onde o País tem competitividade, intensivos em recursos naturais, como celulose, siderurgia e as chamadas indústrias de base", argumenta. Segundo ele, por causa da ausência de investimentos ao longo dos últimos anos, o crescimento da economia brasileira é restringido muito mais pela oferta do que pela demanda. "Não temos problema de ausência de mercados para justificar os investimentos. Temos dificuldades principalmente do lado da perspectiva de crescimento e dos custos dos financiamentos."

Com isso, toda vez que a economia cresceu, o País chegou rapidamente ao limite da capacidade produtiva instalada e isso se expressou em problemas no balanço de pagamentos ou de inflação. "Acreditamos estar no exato momento em que os empresários

rios envolvidos e o governo deverão iniciar um ciclo de investimentos nesses setores. Pelo menos, trabalhamos para isso."

**Investimento** - Por isso, Canuto destaca que o fato de as exportações não atingirem, no segundo semestre deste ano, o mesmo percentual de crescimento do ano passado, não constitui problema para o crescimento. "Que bom que pudemos contar com as exportações para sustentar o crescimento da economia num momento de dificuldade, mas, daqui para frente, a palavra-chave é investimento." Na avaliação do secretário, ao contrário do que ocorre em países como México, Coréia do Sul e Taiwan, as exportações não têm peso suficiente grande no PIB para "ser o dinamismo da economia brasileira".

O próprio ministro do Desenvolvimento, Luiz Fernando Furlan, previu esta semana uma redução no ritmo de crescimento das exportações no segundo semestre. Isso, em função basicamente de três fatores: a taxa de câmbio atual, que apresenta menor atratividade; a comparação com igual período do ano anterior, que obteve um desempenho considerado extraordinário; e a recuperação das importações.

O governo mantém em US\$ 68 bilhões a projeção para o volume de exportações deste ano. Isso, apesar do recuo na estimativa da taxa média de câmbio de R\$ 3,25 para R\$ 3,23. "Se fosse uma partida de futebol, diria que estamos jogando para manter o resultado", comparou o ministro.

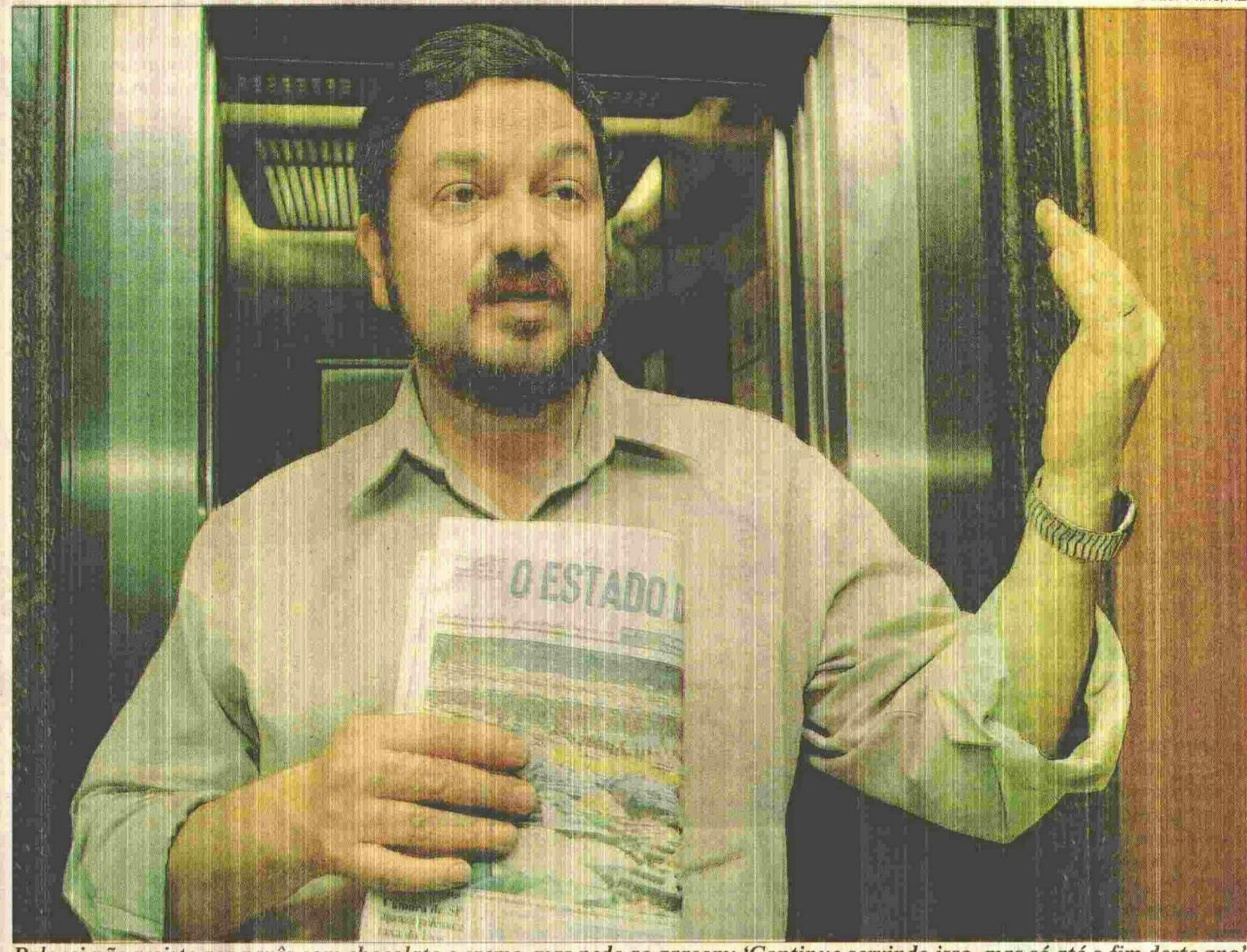
**Mudanças** - A melhora no ambiente macroeconômico nos últimos meses é que vai garantir aumento de consumo e investimento a partir de agora, na avaliação do governo. Isso deverá favorecer queda mais acentuada na taxa de juros no segundo semestre. O novo diretor de Política Econômica do BC, Afonso Beviláqua, afirmou, ao tomar posse esta semana,

que "tudo indica que o ambiente macroeconômico está mudando de cara, ficando mais positivo" e também que "há evidência recente da reversão da persistência inflacionária".

No entanto, o conselho do diretor que deixou o cargo, Ilan Goldfajn, é de cautela. Para ele, o País deve evitar "ter idéias simplistas e voluntaristas para a resolução dos problemas". Defendendo um crescimento sustentado, com mais emprego e renda para os brasileiros, destacou que criar condições para isso não é simples porque há muitas restrições envolvidas, dificuldades políticas em contrariar interesses específicos para avançar no caminho do desenvolvimento. "Devemos evitar embarcar em aventuras que nos levem a bolhas de crescimento. Somos um País de muitas carências. Mas tentar atender, sem as condições necessárias, às ansiedades individuais ou coletivas, dentro do governo ou fora dele, pode nos levar a resultados indesejados, como retardar por mais alguns anos o crescimento sustentado."

♦

## PERFIL



Palocci não resiste aos pavês com chocolate e creme, mas pede ao garçom: 'Continue servindo isso, mas só até o fim deste ano'

Alaor Filho/AE

afirma que, no Brasil, o parque produtivo não é nada parecido com o de uma economia antiga baseada só nas exportações. Existe um conjunto de setores com investimentos tocados "a partir da projeção de ciclos de crescimento no futuro, por causa da descontinuidade da capacidade instalada intrínseca a esses setores". Com isso, as decisões de investimento não são pautadas pela conjuntura imediata, mas pela perspectiva de crescimento de médio prazo.

"No caso brasileiro, ainda há a coincidência de vários deles serem setores onde o País tem competitividade, intensivos em recursos naturais, como celulose, siderurgia e as chamadas indústrias de base", argumenta. Segundo ele, por causa da ausência de investimentos ao longo dos últimos anos, o crescimento da economia brasileira é restringido muito mais pela oferta do que pela demanda. "Não temos problema de ausência de mercados para justificar os investimentos. Temos dificuldades principalmente do lado da perspectiva de crescimento e dos custos dos financiamentos."

Com isso, toda vez que a economia cresceu, o País chegou rapidamente ao limite da capacidade produtiva instalada e isso se expressou em problemas no balanço de pagamentos ou de inflação. "Acreditamos estar no exato momento em que os empresários